

### A queda do dólar preocupa setores exportadores.

Frente à contínua queda da taxa cambial, a solução para garantir o aumento das exportações brasileiras no longo prazo passa pela redução do custo-Brasil, o que elevaria a competitividade das empresas.

O dólar comercial registrou uma queda de 5,16% no mês de maio, sendo negociado a R\$ 1,926, a menor cotação desde novembro de 2000. O declínio acentuada vem prejudicando os setores menos dinâmicos da economia, que já sentem os efeitos negativos do câmbio em suas exportações.

O contínuo ingresso de dólares no Brasil, entre outros fatores, se deve aos elevados juros internos e à balança comercial, que registrou saldo positivo de US\$ 3,868 bilhões em maio. Só as exportações alcançaram a soma de US\$ 13,648 bilhões, puxadas pelo desempenho dos produtos primários.

Entretanto, apesar da taxa básica de juros, a Selic, ser um dos componentes para a atração de capitais estrangeiros ao País, este não é o principal elemento para a maior apreciação do real frente ao dólar. O gráfico apresentado demonstra a queda da Selic, desde 2005, acompanhada da valorização cambial, o que permite especular sobre o pouco impacto da taxa de juros sobre a cotação do dólar.

Ainda, do total de recursos que ingressaram no Brasil nos 12 meses encerrados em março, menos de 10% vieram atraídos diretamente pela Selic, atualmente em 12,5% ao ano. No período, o fluxo de dólares para o País somou US\$ 113,3 bilhões, sendo que apenas US\$ 10,4 bilhões entraram na forma de demais investimentos, especificamente para buscar rentabilidade dos títulos públicos do governo.

Sendo assim, pode-se apontar a estrutura atual do comércio exterior como o fator principal para a entrada maciça da moeda norte-americana no País, que ocorre pela internalização antecipada de recursos tanto para exportação quanto para importação ou pelo próprio fluxo de divisas das vendas de produtos ao exterior. E, por mais que o Banco Central aumente a intensidade e o volume de suas intervenções, enquanto as exportações estiverem em alta, a apreciação contínua do real frente ao dólar será uma realidade.

Frente a isto, alguns economistas já defendem a adoção de taxas de exportação, que variariam de acordo com o preço e a oferta de commodities. Outros, apostam na adoção de medidas conjuntas, incluindo o controle na entrada de capitais, bem como o aumento das compras pelo BC. Ainda há os que acreditam em medidas que garantam o aumento mais rápido e acentuado das importações, visando conter o volume de dólares no mercado interno. No entanto, qualquer destas intervenções pode gerar distorções futuras, agravando ainda mais a situação.

Neste sentido, a melhor alternativa para contornar o problema é a redução do custo-Brasil, que engloba altos gastos com infra-estrutura ineficiente e uma elevada carga tributária. Isto elevaria a competitividade de muitos setores no mercado mundial. E a taxa de câmbio não seria mais uma variável fundamental nas negociações, deixando de atuar como um falso elemento de ganho de competitividade.

